

Caro(a) aluno(a),

Este Caderno apresenta dois temas centrais: a relação entre Filosofia e Literatura e as indicações que a Filosofia tem feito, ao longo do tempo, acerca da felicidade.

Dessa maneira, você terá oportunidade de comparar e relacionar a produção literária com a filosófica e será convidado a pensar sobre as diferentes formas de produção de um discurso filosófico. Enfim, um exercício semelhante ao que você fez ao estabelecer relações entre a reflexão filosófica e a Ciência nas atividades propostas no Volume anterior.

O tema da felicidade será pensado não apenas por meio de tradição filosófica, a partir de teorias como o epicurismo e o estoicismo, mas também pela experiência vivencial.

Com a discussão desses temas, espera-se contribuir para que você se sinta mais preparado para ler, interpretar e dar significado às diferentes produções humanas. E também para efetivar novas formas de experimentar e buscar as condições éticas para viver e conviver, formas estas que permitam a conquista da felicidade nas suas diferentes dimensões.

Bom estudo!

Equipe Técnica de Filosofia
Área de Ciências Humanas
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo





SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1 FILOSOFIA E LITERATURA

Neste Caderno propõe-se o estudo de dois temas centrais: a relação entre Filosofia e Literatura e entre Filosofia e Felicidade.

Nesta primeira Situação de Aprendizagem, você vai entrar em contato com aproximações e diferenças entre Filosofia e Literatura e, assim, conhecer um pouco mais as características do discurso filosófico.

Deus triste – o modo de dizer da Filosofia



Leitura e Análise de Texto

Leia com atenção o poema e, em folha à parte, escreva um breve texto filosófico que contemple as ideias nele presentes. O desafio é você elaborar um texto de Filosofia sobre o tema do poema.

Deus triste

Deus é triste.

Está sempre em si mesmo e cobre tudo
tristinfinitamente.

Domingo descobri que Deus é triste
pela semana afora e além do tempo.

A tristeza de Deus é como Deus: eterna.

A solidão de Deus é incomparável.
Deus não está diante de Deus.

Deus criou triste.

Outra fonte não tem a tristeza do homem.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Deus é triste *In: As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: Record. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. <<http://www.carlosdrummond.com.br>>.

1. Atividade oral: compare o seu texto com os dos colegas de seu grupo. Destaque diferenças e semelhanças e verifique se conseguiram aproximar-se de um modo de escrever da Filosofia.
2. Atividade escrita: compare agora os textos de Filosofia escritos por você com o poema. Registre as diferenças em folha à parte.



Leitura e Análise de Texto

A leitura dos textos filosóficos

Jorge Alberto Molina¹

“Queremos aqui caracterizar aquelas produções textuais que classificamos como textos de Filosofia. Num romance, como *Madame Bovary*, os personagens são seres humanos, reais ou fictícios, como Ema Bovary, Monsieur Homais, o Doctor Bovary etc. No texto filosófico, os personagens são as teses defendidas. Essas teses estão apoiadas sobre argumentos. O texto filosófico é um texto de tipo argumentativo. Mas essa é ainda uma caracterização muito geral, pois um ensaio sociológico, um editorial de jornal, um sermão, são também textos argumentativos. De maneira que essa descrição é insuficiente, a menos que precisemos, com mais exatidão, quais são os traços específicos da argumentação filosófica. O que dificulta ir além daquela caracterização muito geral é o fato de o discurso filosófico manifestar-se através de uma grande variedade de gêneros textuais diferentes².

Antes de Sócrates, a Filosofia usou como forma de expressão a poesia, e ainda no período romano-helenístico encontramos *De rerum natura*, de Lucrecio, como exemplo de poema filosófico. Platão e também Aristóteles usaram o diálogo como veículo para expressar suas ideias. O diálogo filosófico está presente até na Idade Moderna, lembremos, por exemplo, o *Diálogo sobre a conexão entre as ideias e as palavras*, de Leibniz, e os *Três diálogos entre Hilas e Filonius*, de Berkeley. As cartas têm servido como instrumento de expressão de ideias filosóficas. Podemos citar exemplos célebres como a correspondência entre Leibniz e Clark sobre a natureza do espaço e do tempo, a correspondência entre Leibniz e Arnauld sobre a noção de substância, as cartas a Lucílio de Sêneca etc. A autobiografia tem sido usada para expressar concepções filosóficas, assim são *As confissões*, de Santo Agostinho, e as de Rousseau. Os filósofos também se apropriaram do gênero apologético e, como mostra disso, encontramos a *Apologia de Sócrates*, de Platão, *A cidade de Deus*, de Santo Agostinho, e *Os pensamentos*, de Pascal. O tratado científico foi introduzido por Aristóteles como gênero textual para a expressão de filosofemas. Existem também textos filosóficos formados a partir de aforismos, como o *Tractatus*, de Wittgenstein. Em face dessa grande variedade de gêneros textuais usados pelos filósofos, perguntamo-nos sobre a justificativa para colocar produções pertencentes a gêneros tão diferentes sob o rótulo comum de texto filosófico.

[...]

Podemos, então, afirmar o seguinte: parece difícil apontar *a priori* um conjunto de marcas necessárias e suficientes que outorguem uma especificidade ao texto filosófico. Não podemos definir o texto filosófico por meio de uma cláusula do tipo

‘texto filosófico é ABC e somente aquilo que seja ABC... poderá ser chamado de texto filosófico’. No entanto, pensamos que, malgrado a impossibilidade de definir diretamente o que é um texto filosófico, podemos obter luz sobre o nosso tema, comparando o discurso filosófico com outros tipos de discursos: o científico, o jurídico, o teológico e o literário.

[...]

Diferenciar a Filosofia da Literatura é mais difícil, e tememos que qualquer critério de demarcação que seja dado entre as duas disciplinas possa ser sempre impugnado. Platão considerava que a Poesia busca comover e que a Filosofia procura a verdade³. O bom poeta, segundo ele, é aquele que sabe provocar em nós as emoções apropriadas. Aristóteles considerava o discurso poético como aquele que representa coisas fictícias como possíveis, enquanto a Filosofia é um discurso que expressa o que é, da forma que ele é. Ou, dito de outra forma, o discurso filosófico descreve como é o que existe⁴. Hegel considerava que a arte representa o universal sob a forma da sensibilidade, ao passo que a Filosofia representa o universal sob a forma de conceito⁵. Agamêmnon representa a *hybris* ou desmesura comum a vários governantes; Antígona e Creonte, o conflito entre a razão de Estado e a piedade familiar; Dom Quixote, o espírito sonhador e aventureiro. Personagens da literatura representam conceitos ou situações universais. Então, baseados naqueles três filósofos, podemos dizer que o discurso literário se diferencia do filosófico pelo fato que: I) ele busca suscitar em nós emoções; II) ele tem um caráter fictício; III) ele representa situações universais (o universal) sob a forma de um conjunto de representações individuais.”

[...]

¹ Doutor em Lógica e Filosofia da Ciência pela Unicamp, professor do Departamento de Ciências Humanas e docente do Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul – Unisc.

² Estou usando a distinção entre gêneros e tipos textuais apresentada em Marcuschi (2002).

³ *República X*, 605d-607d.

⁴ “Pelo exposto se torna óbvio que a função do poeta não é contar o que aconteceu, mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio de verossimilhança e da necessidade” (*Poética*, 51a 36-51b 11). “Deve preferir-se o impossível verossímil ao possível inverossímil” (*Poética*, 60 a 27).

⁵ “[...] a função da arte consiste em tornar a ideia acessível à nossa contemplação, mediante uma forma sensível e não na figura do pensamento e da espiritualidade em geral[...]” Hegel (1993), p. 47.

MOLINA, Jorge Alberto. *A leitura de textos filosóficos*. Santa Cruz do Sul: Signo, 2006. v. 31. p. 37-47. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/438/291>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

Em grupo, discuta:

1. Destaque uma diferença apontada no texto entre Literatura e Filosofia.
2. Segundo o texto, por que é difícil distinguir a diferença entre Filosofia e Literatura?



PESQUISA INDIVIDUAL

Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um filósofo que fez da literatura um meio de expressão para seu pensamento filosófico. Ele escreveu o romance *A náusea*, de 1938, e também uma trilogia de romances: *A idade da razão*, de 1945, *Sursis*, de 1947, e *Com a morte na alma*, de 1949. Outro filósofo que escolheu a literatura para expor seu pensamento educacional foi Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) em sua obra ficcional *Emílio ou Da Educação*, de 1762.

Pesquise outros filósofos que se expressaram por meio da literatura e registre em folha à parte o nome dos filósofos e suas principais obras literárias.



VOCÊ APRENDEU?



Durante este ano, confrontamos o discurso filosófico com os discursos religioso, científico e literário. Preencha o quadro a seguir com aproximações e diferenças analisadas.

	Aproximações	Diferenças
Filosofia, Mitologia e Religião		
Filosofia e Ciência		
Filosofia e Literatura		



PARA SABER MAIS

Livro

- MORIN, Edgar. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. Importante para compreender a transformação e o valor do conhecimento na sociedade contemporânea.

Artigo

- MOLINA, Jorge Alberto. *A leitura dos textos filosóficos*. Santa Cruz do Sul: Signo, 2006. v. 31. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/438/291>>. Acesso em: 14 maio 2010. Ao ler o artigo deste autor, você poderá aprofundar seus conhecimentos sobre a leitura de um texto filosófico. Com linguagem clara, ele descreve as características dos textos filosóficos.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2

A FELICIDADE SEGUNDO O ESTOICISMO E O EPICURISMO

Nesta Situação de Aprendizagem, serão analisadas duas teorias da história da Filosofia que ajudam a pensar as questões da felicidade. Por meio de leituras e reflexões você vai compreender essas teorias.

Para começo de conversa

Reunido com seus colegas, responda:

1. O que é felicidade para você? Apresente uma definição.
2. O que é preciso para ser feliz no mundo de hoje?
3. E quanto a você, considera-se feliz? Por quê?
4. As frases a seguir traduzem pensamentos do senso comum a respeito da felicidade. Comente-as, posicionando-se em relação a elas e justificando seus argumentos.
 - a) Felicidade não existe. Só existem momentos felizes.
 - b) O dinheiro não traz felicidade.
 - c) A felicidade está dentro de cada um de nós.



Leitura e Análise de Texto

A felicidade como tema da Filosofia

Se há algo nesta vida que todos, sem exceção, desejamos, sem dúvida, é ser feliz. Quem nunca se perguntou: O que é a felicidade? O que é preciso para alcançá-la? Ela existe realmente, ou podemos ter apenas momentos felizes?

Se procurarmos no dicionário, veremos que a felicidade é identificada como o “estado de uma consciência plenamente satisfeita; satisfação, contentamento, bem-estar”¹. Mas será que basta para ser feliz satisfazer a consciência? O “bem-estar” a que se refere a definição acima não implica, também, outros níveis de satisfação, como, por exemplo, a das condições materiais básicas, necessárias a uma vida digna e confortável? O *Dicionário Básico de Filosofia*² parece ampliar um pouco a noção de felicidade, concebendo-a como: “Estado de satisfação plena e global de todas as tendências humanas”. Como, porém, atingir tal grau de satisfação? Isso é possível?

Desse modo, a questão da felicidade não é tão simples como à primeira vista pode parecer. Enfrentá-la exige reflexão cuidadosa, sistemática, profunda e crítica, ou seja, precisa da ajuda da filosofia. E, de fato, ao longo da história da Filosofia ela foi objeto da preocupação de inúmeros pensadores, que, instigados por questões como as enunciadas acima, se aventuraram a apontar alguns caminhos que, na visão deles, poderiam levar à felicidade.

Nesta Situação de Aprendizagem, vamos estudar duas correntes filosóficas que se ocuparam desse tema – o estoicismo e o epicurismo – e que surgiram em um mesmo momento histórico: o período romano-helenístico. Elas foram escolhidas em virtude de estarem entre as que exerceram e continuam a exercer grande influência sobre nossa cultura, contribuindo significativamente para a formação das ideias que temos acerca da felicidade. Para compreendê-las melhor, porém, é importante recordar brevemente o que foi esse período histórico.

Tradicionalmente, o helenismo foi o processo de fusão da cultura grega com a dos povos orientais, com predomínio da primeira sobre a última, fusão esta propiciada pelas conquistas de Alexandre Magno. Esse processo teve início com a tomada da Grécia pela Macedônia, no século IV a.C., marcando o fim da época clássica.

Do ponto de vista político, a principal consequência da invasão macedônica foi a dissolução da *pólis*, isto é, da cidade-Estado grega, que, pouco a pouco, foi perdendo sua autonomia. Antigas instituições, como a assembleia dos cidadãos e a democracia ateniense, deixaram de existir. Não havia mais espaço para a participação ativa dos cidadãos nas decisões mais importantes da vida da população. A rigor, não havia mais cidadãos, no sentido

pleno da palavra, mas apenas “súditos” de um monarca estrangeiro. As cidades outrora soberanas eram, agora, subjugadas por uma potência invasora.

No século II a.C. foi a vez de Roma conquistar a Grécia, transformando-a em província do Império Romano e subtraindo-lhe definitivamente a liberdade.

Nesse contexto tumultuado, de decadência da *pólis* e dos valores políticos e morais tradicionais, de perda da liberdade, de sincretismo e de conflitos culturais causados pelo contato com outros povos de tradições e crenças diferentes, de insegurança constante provocada pela dominação estrangeira, de medo da morte iminente, enfim, neste ambiente de crise generalizada, era natural que a Filosofia também sofresse significativas transformações, mudando o foco de suas preocupações.

De fato, no período clássico a política era um dos temas centrais da reflexão filosófica. Basta lembrar a importância fundamental que ela tivera para Sócrates, Platão e Aristóteles, que se ocuparam de questões de natureza essencialmente política, tais como: “Qual a melhor forma de governo?”; “O que é uma cidade justa?”; “Quais as virtudes que devem prevalecer na *pólis*?”; “Como deve ser a educação dos cidadãos?”; “Que papel cumprem as leis?” No helenismo, por outro lado, os assuntos políticos são postos de lado, cedendo lugar às questões da vida privada e interior de cada indivíduo, especialmente aos problemas morais. Agora, o que se espera da Filosofia é que ela aponte caminhos (por exemplo, por meio da indicação de regras morais práticas) para a eliminação do sofrimento humano e para a conquista da felicidade, ambos, sofrimento e felicidade, entendidos como problemas meramente individuais, subjetivos.

Assim, a felicidade passa a ser um tema central da Filosofia, como resultado das condições impostas pela nova realidade social, política e cultural vivida pelos gregos naquele momento histórico.

¹ Felicidade. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

² Felicidade. JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 104.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Para refletir:

1. Como se pode explicar a mudança de eixo que ocorre com o helenismo?
2. Você considera que a Filosofia pode contribuir para o enfrentamento do problema da felicidade? Como?

Exercício

O fragmento a seguir é conhecido como *Oração da serenidade*. Dialogando com seus colegas, analise-o cuidadosamente e responda, individualmente, às questões em folha à parte.

“Concede-me, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar as que eu posso e sabedoria para distinguir umas das outras.”

Frase atribuída a Reinhold Niebuhr.

1. Há coisas que não podemos modificar e há coisas que podemos? Quais são elas?
2. Como podemos distinguir umas das outras?
3. O que significa aceitar com serenidade as coisas que não podemos modificar?



Leitura e Análise de Texto

O estoicismo e a felicidade como resignação

O nome estoicismo vem do termo grego *stoa*, que significa “pórtico”. Isso porque Zenão de Cício, fundador dessa escola filosófica, costumava ensinar nas proximidades do Pórtico de *Poikilé* (o qual fora ornamentado pelo pintor Polignoto), em Atenas.

Trata-se de uma corrente de pensamento que se estendeu do século IV a.C. ao século II d.C., e que repercute até os dias atuais.

Deixando de lado algumas diferenças entre os pensadores do estoicismo, podemos dizer que, de modo geral, para os estoicos existe uma Razão Divina (o Logos, ou Deus) que rege todo o universo, imprimindo-lhe uma ordem necessária (isto é, que não pode ser de outro jeito) e perfeita. Este Logos, ou Deus, entretanto, não é um ser pessoal e transcendente que existiria em algum lugar fora do mundo e de onde exerceria seu governo sobre a natureza e os seres humanos. Antes, trata-se de um Deus imanente, ou seja, inseparavelmente integrado ao mundo físico e material. Daí a ideia de que Deus está em tudo, Deus é tudo. É a doutrina do panteísmo, segundo a qual Deus e o universo são concebidos como realidades intrinsecamente entrelaçadas ou mesmo como “uma única realidade integrada”¹.

Ora, se a ordem do universo é regida por um Deus imanente, e se esse Deus é identificado com o Logos, isto é, com a Razão, pode-se concluir que há no universo (repleto do Deus-Logos) uma ordem racional necessária e perfeita. Em outras palavras, as coisas são (e não poderiam deixar de ser) como a Razão Divina quer que elas sejam. Por isso, elas são precisamente como devem ser e como é bom que sejam. Se um determinado

acontecimento – por exemplo, uma doença –, visto isoladamente, parecer sinal de imperfeição ou irracionalidade, tomado em sua articulação com o todo, veremos que, na realidade, contribui para a realização da perfeição desse todo.

Há, portanto, no estoicismo certa noção de Providência Divina, embora não no sentido de uma providência transcendente, praticada por um Deus pessoal, como no Cristianismo, por exemplo. A providência dos estoicos assemelha-se mais à ideia de Destino, no sentido de que, se tudo deriva do Logos Divino, então tudo é necessário, ou seja, tudo é como deve ser, sem nenhuma possibilidade de que seja de outro jeito. E é bom que seja assim, visto que a origem, em última instância, está em Deus, na Razão Divina.

Mas, se tudo é necessário, como fica a liberdade humana? Para os estoicos, a verdadeira liberdade, aquela praticada pelos sábios, consiste em adequar a vontade ao Destino, desejando aquilo que ele prepara para cada um. Afinal, se o destino é obra da Providência Divina e se Deus é o Logos, então desejar o que o Destino traz é o mesmo que se deixar guiar pela Razão Divina. E isso é sabedoria.

Essa é a chave para a felicidade, segundo o estoicismo. Se desejarmos algo contrário ao nosso destino e que, portanto, não poderemos alcançar, certamente ficaremos frustrados e infelizes. Por outro lado, se conformarmos nossa vontade ao Destino, desejando apenas o que efetivamente está ao nosso alcance, nossas chances de felicidade serão muito maiores.

A felicidade, para o estoicismo, consiste também em buscar o bem, isto é, a virtude, e evitar o mal, ou seja, o vício. Bem e mal, portanto, são entendidos num sentido puramente moral. As coisas relativas ao corpo, independentemente de serem nocivas ou saudáveis, não são em si boas nem más, mas indiferentes. Como explica Zenão:

“Os entes dividem-se em bons, maus e indiferentes. Bons (os bens) são os seguintes: inteligência, temperança, justiça, fortaleza e tudo aquilo que é virtude ou participa da virtude. Maus (ou males) são os seguintes: idiotice, dissolução, injustiça, vileza e tudo aquilo que é vício ou participa do vício. Indiferentes são: a vida e a morte, a celebridade e a obscuridade, a dor e o prazer, a riqueza e a pobreza, a doença e a boa saúde, e coisas semelhantes a estas.”²

Além disso, como diz Epicteto, a felicidade também está ligada à nossa capacidade de discernir entre as coisas que dependem de nós e as que não dependem, buscando apenas as primeiras e permanecendo indiferentes em relação às segundas. Caso contrário, seremos infelizes, pois não temos poder algum sobre as coisas que não dependem de nós. Nas palavras do autor:

“Sob nosso controle estão as nossas opiniões, aspirações, desejos e as coisas que nos causam repulsa ou nos desagradam. Essas áreas são justificadamente da nossa conta, porque estão sujeitas à nossa influência direta. Temos sempre a possibilidade de escolha quando se trata do conteúdo e da natureza de nossa vida interior.

Fora do nosso controle, entretanto, estão coisas como o tipo de corpo que temos, se nascemos ricos ou se enriquecemos de repente, a maneira como somos vistos pelos outros ou qual é a nossa posição na sociedade. Devemos lembrar que essas coisas são externas e, portanto, não dependem de nós. Tentar controlar ou mudar o que não podemos só resulta em aflição e angústia.

Lembre-se: as coisas sob nosso poder estão naturalmente à nossa disposição, livres de qualquer restrição ou impedimento. As que não estão, porém, são frágeis, sujeitas a dependência ou determinadas pelos caprichos ou ações dos outros. Lembre-se também do seguinte: se você achar que tem domínio total sobre coisas que estão naturalmente fora do seu controle, ou se tentar assumir as questões de outros como se fossem suas, sua busca será distorcida e você se tornará uma pessoa frustrada, ansiosa e com tendência para criticar os outros.”³

A felicidade, segundo os estoicos, exige também que adotemos uma atitude de apatia em relação às paixões, pois estas, em geral, são causa de perturbação e infelicidade para nossa alma. Sentimentos como medo, dor, piedade, inveja, ciúme, aflição, ansiedade, cobiça, raiva, amor (especialmente quando não correspondido), ódio, volúpia, entre outros, nos aprisionam, nos atribulam e nos impedem de ter paz de espírito. Suprimi-los, portanto, é a atitude do sábio e o caminho para a ataraxia, isto é, o estado de imperturbabilidade da alma necessário à conquista da felicidade.

Em suma, a felicidade estoica consiste em não desejar mais do que se pode ter, conformar-se com o Destino, discernir entre as coisas que dependem e as que não dependem de nós, tornando-nos indiferentes a estas últimas, e renunciar às paixões que são causa de dor e sofrimento. É, pois, uma disposição da vontade individual. Sou eu quem decide ser feliz, disciplinando meus desejos através de minha razão. Trata-se, portanto, de uma concepção idealista da felicidade, que desconsidera a influência de fatores externos que a determinam e que, por isso mesmo, conduz ao conformismo, à resignação, à apatia. Num contexto de tantas turbulências como o do helenismo, compreende-se por que os preceitos do estoicismo lograram tamanha aceitação, sobrevivendo com vigor até os nossos dias.

¹ Panteísmo. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

² Zenão, fragmento 38-39. In: REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. v. 1. São Paulo: Paulus, 2004. p. 296.

³ EPICTETO. *A arte de viver: uma nova interpretação* de Sharon Lebell. Tradução Maria Luiza Newlands da Silveira. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p. 14.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Responda às questões em folha à parte.

1. Quais são as recomendações do estoicismo para a conquista da felicidade? Você concorda com elas? Justifique.
2. Você considera que a morte, a saúde, a doença, a beleza, a feiura, a riqueza, a pobreza, a escravidão e a liberdade não dependem de nós? Justifique.

3. Você reconhece traços do estoicismo na *Oração da serenidade*, apresentada anteriormente? Explícite-os.
4. Indique pelo menos uma situação do cotidiano que possa ser interpretada à luz do estoicismo.
5. Analise o texto a seguir e identifique nele traços de estoicismo. Você concorda com o preceito por ele expresso? Justifique.

“Não exijas aconteça como tu desejas aconteça. Antes queiras aconteçam as coisas como acontecem – e quão feliz, então, não serás tu!”

EPICETETO, *Manual de Epicteto*: máximas, diatribes e aforismos. Lisboa: Vega, 1992. p. 29.

Exercícios

1. Você tem medo da morte? E de Deus? Discuta com seus colegas e justifique, individualmente, anotando suas ideias em folha à parte.
2. Caso tenha esses medos, acredita que eles sejam obstáculos à sua felicidade? Por quê? O que pensam os colegas sobre esse medo?
3. Para você, que papel tem o prazer na conquista da felicidade?



Leitura e Análise de Texto

A felicidade segundo o epicurismo

Epicuro (341-270 a.C.) nasceu na ilha grega de Samos, mas passou boa parte de sua vida em Atenas, onde fundou uma escola filosófica, mais tarde denominada epicurismo. A escola funcionava no jardim de sua casa e, por isso, ficou conhecida como “Jardim de Epicuro”.

Uma de suas principais preocupações era com a questão da felicidade. Em sua famosa *Carta a Meneceu*, ou mais conhecida como *Carta sobre a felicidade*, ele nos revela alguns ensinamentos para que a alcancemos e a conservemos ao longo de nossas vidas.

Logo de início, ele enaltece a utilidade da filosofia para a obtenção da “saúde do espírito”, isto é, da felicidade. Isso porque é filosofando que aprendemos a distinguir entre as coisas que dela nos aproximam e as que dela nos distanciam, optando pelas primeiras e evitando as segundas. Diz o autor:

“Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz.”¹

Em seguida, Epicuro faz algumas recomendações para quem deseja ter uma vida feliz. Em primeiro lugar, é preciso afastar as falsas opiniões que, em geral, temos sobre os deuses e que nos levam a temê-los, pois esse temor também é causa de infelicidade. Por exemplo, a crença de que “eles causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons”². Para o autor, os deuses existem realmente, são imortais e bem-aventurados, mas vivem num mundo supra-humano e em nada interferem em nossa vida, nem para nos socorrer nem para nos castigar. Por isso, não há motivos para temê-los. Pela mesma razão, preces, sacrifícios e louvores são inúteis e desnecessários.

Em segundo lugar, temos de nos libertar do medo da morte, outro obstáculo à nossa felicidade. E, de fato, segundo Epicuro, não há por que temê-la, pois não temos como saber se ela é um bem ou um mal. Ora, sabemos se uma coisa é boa ou ruim pelas sensações que ela nos provoca. A morte, porém, nada mais é do que a ausência de toda e qualquer sensação. Portanto, a morte não é nada para nós. Na realidade, nunca a encontraremos, pois enquanto estamos vivos ela está ausente e, quando ela chegar, nós é que não estaremos presentes, já que não teremos mais nenhuma sensação. É tolice, portanto, nos angustiarmos pela espera da morte, pois “aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado”³. Essa consciência de que a morte nada significa para nós é importante para que aproveitemos melhor a vida enquanto a temos e sejamos felizes no momento presente. Essa é a atitude do sábio, que nem desdenha a vida (como se ela fosse um fardo insuportável) nem se apega a ela em demasia (a ponto de desejar a imortalidade), mas que sabe vivê-la bem. “Assim”, diz Epicuro acerca do sábio, “como opta pela comida mais saborosa e não pela mais abundante, do mesmo modo ele colhe os doces frutos de um tempo bem vivido, ainda que breve”⁴.

Em terceiro lugar, Epicuro recomenda que não acreditemos no destino e na sorte, como se deles dependesse nossa felicidade, pois essa crença também pode ser motivo de perturbação de nossa alma: “Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é nem totalmente nosso nem totalmente não nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se estivesse por vir com toda a certeza nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais”⁵.

Em quarto lugar, precisamos, também, para ser felizes, conhecer bem os nossos desejos e direcionar nossa escolha para aqueles que contribuem para “a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz”⁶. O critério dessa escolha é, em última instância, a distinção entre prazer e dor. De fato, para Epicuro, a principal finalidade da vida humana é o prazer. Mas não se trata de qualquer prazer:

“Há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas. Convém, portanto, avaliar todos os prazeres de acordo com o critério dos benefícios e dos danos.”⁷

Além disso, como nem tudo o que desejamos está ao nosso alcance, devemos aprender a extrair prazer daquilo que temos, das “coisas simples e fáceis de obter”⁸, em vez de sofrer pela falta daquilo que não podemos ter. É o que Epicuro chama de “autossuficiência”. Para ele: “Os alimentos mais simples proporcionam o mesmo prazer que as iguarias mais requintadas, desde que se remova a dor provocada pela falta: pão e água produzem o prazer mais profundo quando ingeridos por quem deles necessita”⁹.

O prazer, portanto, para Epicuro não se confunde com a busca irrefletida e desenfreada do “gozo dos sentidos”; trata-se, antes, do prazer entendido como “ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma”¹⁰, único capaz de nos proporcionar a verdadeira felicidade. Nas palavras do autor:

“Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos.”¹¹

Portanto, o prazer, para ser de fato fonte de felicidade, precisa ser buscado com “prudência”, que, para Epicuro, é o “supremo bem”, a primeira de todas as virtudes.

Ora, nada melhor do que a Filosofia para nos ajudar a empreender esse “exame cuidadoso” que nos permite distinguir as coisas que verdadeiramente nos trazem prazer e as que nos provocam dor e viver segundo a prudência. Eis, portanto, a importância fundamental da Filosofia para a conquista da felicidade, segundo Epicuro.

¹ EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceto)*. Tradução e apresentação Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora da Unesp, 1997. p. 21.

² Idem, p. 25.

³ Idem, p. 29.

⁴ Idem, p. 31.

⁵ Idem, p. 33.

⁶ Idem, p. 35.

⁷ Idem, p. 39.

⁸ Idem, p. 47.

⁹ Idem, p. 41.

¹⁰ Idem, p. 43.

¹¹ Idem, p. 45.

1. Considerando as situações descritas a seguir, como cada uma delas se relaciona com a doutrina de Epicuro? Você concorda com as atitudes tomadas? Justifique sua posição.
 - a) Uma pessoa é diabética e, por isso, abstém-se de comer doces.
 - b) Os encarcerados decidem fazer greve de fome para chamar a atenção da população e das autoridades para o problema da superlotação da penitenciária.
 - c) O jovem deixa de viajar com os amigos no feriado prolongado para estudar para o vestibular.
 - d) O pai desempregado corta gastos supérfluos para garantir o que é básico para a sobrevivência da família.
 - e) A jovem diz “não” ao namorado por ele insistir em não usar preservativo.

2. Descreva, em folha à parte, uma situação vivida ou presenciada por você na qual tenha ocorrido a privação deliberada de um prazer a fim de evitar um sofrimento, ou alcançar um prazer ainda maior. Você concorda com essa atitude? Justifique.



LIÇÃO DE CASA



1. Em folha à parte, resuma os conselhos de Epicuro para se alcançar a felicidade.
2. Que papel Epicuro atribui à Filosofia na busca da felicidade? Você concorda com ele? Justifique.



PESQUISA INDIVIDUAL

Escolha uma música de sua preferência que fale sobre felicidade. Transcreva a letra, em folha à parte, e leve-a para a sala de aula para discutir com seus colegas o conceito de felicidade adotado pelo compositor.



VOCÊ APRENDEU?



1. Cite e explique, em uma folha à parte, pelo menos três recomendações de Epicuro que mostrem como chegar à felicidade. Você concorda com elas? Por quê?
2. Você concorda com as concepções de felicidade do estoicismo e do epicurismo? Justifique em uma folha à parte.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3 SER FELIZ É PRECISO

Nesta Situação de Aprendizagem, vamos estudar a Filosofia em relação a algumas questões próprias do cotidiano atual dos jovens brasileiros e que cercam o tema felicidade.

Para começo de conversa

Após a leitura do poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, de Manuel Bandeira, que você poderá encontrar na biblioteca da sua escola, responda em folha à parte:

1. Quais imagens associadas à palavra felicidade estão presentes na poesia?
2. Retome sua resposta sobre o significado de felicidade, da Situação de Aprendizagem 2, e substitua esses fatos por outros que correspondam ao seu ideal de felicidade.



Leitura e Análise de Texto

Entraves à felicidade

A humanidade pode contar com diversos lugares imaginários como Pasárgada, nos quais a felicidade plena e eterna existe.

Além de Manuel Bandeira, Luís de Camões, no poema épico *Os lusíadas*, descreve a Ilha dos Amores, lugar da satisfação do desejo e da utopia.

A ideia de um paraíso ou de um lugar especial, no qual realizamos todos os nossos desejos, faz parte do imaginário humano, justamente porque em nosso cotidiano, em nossa experiência de vida, encontramos diversos entraves para a realização dos nossos desejos.

Além desse lugar imaginário, integram nossa cultura as fantasias em torno do que faríamos se ganhássemos na loteria, por exemplo.

Imaginar um lugar de felicidade eterna ou uma condição material capaz de comprar tudo o que necessitamos e desejamos são fantasias diretamente relacionadas ao fato de que nossos desejos sofrem limitações ou entraves que geram frustrações. Faz parte de um bom processo de maturidade aprender a lidar com essas frustrações.

A reflexão filosófica pode ajudar na identificação dos limites ou entraves aos nossos desejos e na compreensão sobre o modo como lidamos com eles. A felicidade depende mais da maneira como nos relacionamos com esses limites e entraves do que, propriamente, da satisfação dos nossos desejos.

Pode-se afirmar, sem medo de errar, que a história da Filosofia é marcada pela preocupação dos filósofos a respeito das condições dos seres humanos para o enfrentamento de seus sofrimentos, de suas frustrações, de suas inquietações e para a compreensão dos próprios limites.

Grande parte da produção em Filosofia e em Psicologia ajuda os seres humanos a compreender que nem sempre desejo e necessidade andam juntos. No mundo contemporâneo, sob o efeito da publicidade e de todo o apelo da sociedade de consumo, somos cada vez mais influenciados a desejar o que não necessitamos ou a acreditar que necessitamos o que nos ensinam a desejar.

Filósofos contemporâneos como Jean Baudrillard (1929-2007), Walter Benjamin (1892-1940), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Jean-Paul Sartre (1905-1980) produziram reflexões sobre temas como consumo, prazer, convívio social e limites à felicidade humana. São autores que problematizam o tema felicidade no âmbito da Filosofia.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

1. Como se apresenta no texto uma possível justificativa para o fato de imaginarmos lugares nos quais nossa felicidade poderia ser completa e eterna?
2. Por que nosso processo de maturidade emocional deve contemplar a ideia de que estamos sujeitos a frustrações em nossos desejos?



PESQUISA INDIVIDUAL

Realize um levantamento biográfico sobre os filósofos citados no texto apresentado ou escolha um deles para pesquisar o que ele pensa sobre as características da sociedade de consumo ou da

sociedade tecnológica e de consumo. Registre em folha à parte os resultados da pesquisa, que pode ser feita na internet ou na biblioteca da sua escola.

Para refletir

Leia o texto a seguir e responda às questões em folha à parte:



Leitura e Análise de Texto

Jovens Consumistas

Pesquisa coloca jovens brasileiros entre os mais consumistas do mundo. Saiba o que influencia este tipo de comportamento, quando e como gastam estes jovens

Publicado em 18/11/2005 - 00:01

“Uma pesquisa realizada no Brasil pelo Instituto Akatu, com base em estudo da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) com jovens de 24 países dos cinco continentes, coloca os jovens brasileiros no topo dos mais consumistas. Dos 259 entrevistados, de nove regiões metropolitanas no país, 37% apontaram as compras como um assunto de muito interesse no dia a dia. Para 78% deles, a qualidade é o principal critério de compra, seguido pelo preço.

Segundo especialistas, este comportamento retrata uma juventude imediatista, preocupada com o “aqui e o agora” e com pouca visão de futuro. Mas de onde vem essa tendência consumista? Quais fatores provocam este tipo de comportamento? [...]”

Jovens Consumistas. *Rede Universia*, 18/11/2005. Disponível em: <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=9190>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

1. Você concorda com a generalização relacionada aos dados da pesquisa sobre os jovens brasileiros? Justifique.
2. Em sua experiência, como ocorre a relação entre felicidade e consumo? É possível a felicidade sem a aquisição de determinados bens materiais?
3. Existem bens materiais sem os quais é impossível a felicidade? Quais?



Leitura e Análise de Texto

Com esta leitura, vamos tecer considerações sobre outro tema muito importante que se desdobra da reflexão sobre felicidade: a morte. Como nos relacionamos com essa que é a única certeza da existência de todos os seres vivos?

Leia com atenção o texto *Morte*, de Aguinaldo Pavão, que é professor de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina.

Morte

Aguinaldo Pavão

“Parece-me que o dia 2 de novembro reforça a necessidade em mim de pensar sobre a morte. Eu fico muito triste quando penso na minha morte. Por outro lado, é desconfortável a ideia de que poderia não morrer, de que poderia ser eterno. Que graça teria a vida se nós não morrêssemos? A ânsia de viver, de gozar a vida, parece só ter sentido porque sabemos que vamos morrer. Sei que esta é uma filosofia meio barata (contudo, não esqueçamos que, no fundo, a filosofia é apenas uma sofisticação do senso comum). De fato, não precisamos de profundidade para fazer essa reflexão desconcertante. A morte é desesperadora. A morte é o fim das leituras, o fim das viagens, o fim do amor, o fim do sexo, o fim da música, o fim de tudo. Todavia, é ótimo que haja morte. Nós temos de assumir nossa mortalidade. Quanto mais assumirmos isso, mais poderemos degustar a vida. Precisamos lembrar de Aquiles, o herói grego: os deuses é que devem invejar os mortais, pois é a nossa condição de mortais que permite sentir a importância de cada momento.

Mas talvez haja vida após a morte. Contudo, se me fosse dada a oportunidade, na hipótese de haver vida após a morte, eu gostaria de dizer que renuncio à eternidade. Eu devolveria o bilhete. A eternidade me cansa. Seria um tédio insuportável viver para sempre. Só a ideia já me cansa. E eu quero ter um corpo, e parece difícil a ideia de que meu corpo também sobreviverá. Ele ficará imperecível, insuscetível à ação do tempo? Se eu não quero aqui a eternidade, lá eu também não quero. Porque se eu não a desejo aqui, não vejo razões para mudar de ideia lá.

Se eu fosse um outro eu, talvez a quisesse, mas aí já não seria mais eu, e não sendo mais eu, não saberia como esse outro eu agiria, como ele sentiria as coisas. Se houvesse vida após a morte, eu seria condenado à eternidade? Ao que parece, sim, embora isso não seja necessário. Mas se fosse eterno, isto é, se minha vida pós-morte implicasse uma duração infinita no tempo, eu mais perderia do que ganharia. Ora, eu não escolho nascer, mas posso escolher me matar. Se fosse eterno não teria essa liberdade.”

PAVÃO, Aguinaldo. *Morte*. Disponível em: <<http://agguinaldopavao.blogspot.com/2006/11/morte.html>>. Acesso em: 15 maio 2010.

Em folha à parte responda:

1. O autor fala de tristeza diante da morte. O que caracteriza essa tristeza? Perguntando de outro modo, quais são os fatos que tornam a morte uma experiência triste?

2. Diante dessas frases do texto: “Todavia, é ótimo que haja morte. Nós temos de assumir nossa mortalidade. Quanto mais assumirmos isso, mais poderemos degustar a vida.” Por que assumir a nossa mortalidade permite degustar a vida? Você concorda com essa afirmação? Quais os argumentos do autor para defender esta ideia?
3. De que forma a morte nos torna livres em vida, segundo a argumentação do autor?



LIÇÃO DE CASA



Faça uma pesquisa sobre as relações com a morte em diferentes culturas. Como entendem a morte os muçulmanos? E os budistas do Tibete? E o povo xavante? Ou, ainda, como as diferentes pessoas do seu cotidiano explicam a morte?

Essas informações podem ser buscadas na internet, mas também entre as pessoas da sua comunidade que conheçam tais culturas. Faça suas anotações em folha à parte para serem apresentadas em sala de aula.



VOCÊ APRENDEU?



1. “Ser feliz é preciso” é o título desta Situação de Aprendizagem. Comente esse valor presente em nossa cultura.

2. Morte e padecimentos constituem a nossa natureza. Se, por um lado, nos trazem infelicidade, por outro algumas culturas entendem que a felicidade está justamente na sabedoria de não negá-los, mas, sim, de assumi-los como parte integrante de nossa vida. Registre uma reflexão a respeito.

3. Comente a relação entre consumo e felicidade. Nas aulas de Sociologia, você provavelmente teve a oportunidade de analisar o consumismo como uma das características de nossa sociedade.



PARA SABER MAIS

Site

- UNIVERSIA. Disponível em: <<http://www.universia.com.br>>. Acesso em: 23 abr. 2010. Este *site* é indicado para pesquisas sobre a realidade social contemporânea. Observe com atenção, durante uma semana, as pessoas mais próximas: na sua casa, na escola, no seu trabalho etc. Procure observar como reagem diante das frustrações e entraves ao que consideram importante para a própria felicidade: elas tentam aprender com esses entraves ou frustrações ou manifestam algum sentimento de rancor, mágoa ou incompreensão sobre o que lhes acontece?



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 4 FELICIDADE E COMPROMISSO: CONSIGO E COM O OUTRO

Nesta Situação de Aprendizagem, que finaliza o estudo de Filosofia no Ensino Médio, serão analisadas as condições pessoais e sociais para a construção de uma abordagem da felicidade. Ser feliz com o outro, ser feliz na cidade, no interior da vida social, imersos em cultura que herdamos ao nascer, é uma das questões que marcam a Filosofia desde sempre.

Para começo de conversa

Faça um exercício de olhar para você mesmo e responda: Existem algumas características pessoais que o impedem de ser feliz? Se existem, quais são?

Frases das quais discordo	Porque

Exercícios

Discuta as seguintes questões com seus colegas e registre, em folha à parte, uma síntese dessa conversa.

1. Qual a diferença entre aceitar uma frustração, uma perda, sem se deixar derrotar psicologicamente por ela, e o conformismo, ou seja, a desistência de lutar pelo que se quer? A frustração produzida pela morte de uma pessoa querida não pode ser incluída nesse questionamento. Trata-se de uma situação na qual a sabedoria de aceitação de nossa natureza mortal pode ajudar no enfrentamento desse tipo de perda em especial.
2. Qual a diferença entre não ser escravo do desejo e lutar pelo que se quer?
3. Qual a diferença entre não se ver como centro do mundo e a baixa autoestima?
4. Qual a diferença entre respeitar as próprias emoções e deixar-se levar por elas?



LIÇÃO DE CASA



1. O que as frases a seguir sugerem em relação à felicidade?
 - a) Na vida, como na selva, vale a lei do mais forte. Os fracos não sobrevivem.

b) O mundo é dos espertos.

c) O importante é levar vantagem em tudo.

2. Analise e comente a letra da música a seguir, associando-a ao tema felicidade.

<p style="text-align: center;">Cada um por si</p> <p style="text-align: right;">Renato Martins</p>	<p style="text-align: center;">Comentário</p>
<p>Todo mundo sabe: pra nascer tem que ter [sorte</p>	
<p>E quem tem sorte escapa até mesmo da [morte</p>	
<p>É, todo mundo sabe, de um ou de outro [jeito,</p>	
<p>O cada um por si é o que vai ser</p>	
<p>Todo mundo ouviu e viu pela tevê O golpe que me deram</p>	
<p>Eu dei outro em você E assim as coisas vão</p>	
<p>Infelizmente pra nós dois O cada um por si é que é a lei</p>	
<p>Eu sei Fraternidade só existe é em mensagens de [cartão-postal</p>	
<p>Eu não queria que o mundo fosse assim Infelizmente não depende só de mim</p>	
<p>Parabéns pra mim, a vitória está comigo O sucesso vem pr'aquela que é seu próprio [e melhor amigo</p>	

E a humanidade onde entra nisso? O cada um por si é que é a lei	
E não fui eu que quis assim Eu tentei ser diferente Mas quanto mais tentava Menos era respeitado por toda a gente E pensei Se o cada um por si é que é legal É o que vai ser	
Eu sei Fraternidade só existe é em mensagens de [cartão-postal	
Eu não queria que o mundo fosse assim Infelizmente não depende só de mim Fraternidade só existe é em mensagens de [cartão-postal	
Eu não queria que o mundo fosse assim Infelizmente não depende só de mim	
Cada um por si é o que vai ser Cada um por si é que é a lei Cada um por si é o que vai ser Cada um por si é que é a lei	
© Deck Produções Artísticas Ltda.	



Leitura e Análise de Texto

A dimensão social da felicidade

Ao contrário do que muitos pensam, a realização da felicidade não depende apenas da vontade e da atitude de cada pessoa, por mais esforçada e determinada que ela seja. Isso porque ninguém é autossuficiente para satisfazer suas necessidades subjetivas e objetivas. Como constatamos em Volume anterior, o homem é um animal político, isto é, um ser que, pela sua própria natureza, só existe em sociedade na convivência com seus semelhantes, havendo entre todos uma relação de dependência recíproca no atendimento a essas necessidades.

Do ponto de vista objetivo, por exemplo, precisamos de uma infinidade de coisas que são fruto do trabalho de outras pessoas: alimentos, roupas, calçados, diversos utensílios do nosso dia a dia, livros, cadernos, lápis, canetas, transporte, atendimento médico, odontológico e psicológico, segurança, espaços para lazer e prática esportiva etc. A lista não teria fim. Na realidade, como diz o professor Dalmo de Abreu Dallari, a vida em sociedade é uma constante “troca de bens e serviços”¹, de modo que cada pessoa depende do trabalho das demais. Ora, se todas essas coisas são necessárias à felicidade, então ela depende da ação coletiva de um número imensurável de pessoas que produzem esses bens e prestam esses serviços.

O mesmo vale para as necessidades subjetivas. Todos precisamos de amor, carinho, respeito, afeição, consideração, atenção, ternura, cordialidade, hospitalidade, cuidado, prazer, conhecimento, liberdade, espaço para pensar, criar, sentir, crer, enfim, de uma infinidade de elementos relacionados à nossa vida interior, os quais somos incapazes de obter sozinhos. Também aqui precisamos da colaboração das pessoas a nossa volta.

A felicidade, por conseguinte, tanto no seu aspecto objetivo quanto no subjetivo, é sempre produto de uma ação coletiva dos membros de uma dada sociedade. Em outras palavras, podemos dizer que a felicidade é socialmente produzida e, portanto, tem um caráter social. Afinal, como diz a letra de uma conhecida canção, “é impossível ser feliz sozinho”. Por essa razão, não faz sentido buscá-la no individualismo ou no egoísmo, isto é, agindo de acordo com nossos interesses particulares, procurando tirar vantagem das diversas situações, sem nos preocuparmos com as consequências de nossos atos.

Ocorre, porém, que egoísmo e individualismo são justamente os valores mais estimulados por nossa sociedade quando o assunto é a busca da felicidade. Aprendemos desde muito cedo que o sucesso ou o fracasso na escola, na profissão, na vida dependem de nosso esforço individual; que no mundo prevalecem as leis do “cada um pra si” ou do “salve-se quem puder”; que precisamos nos preparar para enfrentar a grande competitividade do vestibular e, depois dele, do mercado de trabalho; que, uma vez empregados, devemos disputar com nossos colegas pela ascensão na carreira, por *status* e poder; que ao nosso lado há não um amigo ou um companheiro, mas um adversário, um concorrente, alguém que para nós representa uma ameaça. Se ele desistir, tanto melhor, pois nossas chances de sucesso serão maiores.

Aqui, aliás, encontramos outro sentido que nos possibilita dizer que a felicidade tem um caráter social: em grande parte, é a sociedade que produz dela a imagem que assimilamos e que transformamos em objeto de nossos maiores anseios, muitas vezes sem questionar.

Numa sociedade em que as pessoas são mais valorizadas e reconhecidas pelo que *possuem* do que pelo que *são*, a felicidade tende a ser identificada com a posse de bens materiais e de dinheiro, que é o meio pelo qual se adquirem esses bens. Por esse raciocínio, quanto mais posses tiver uma pessoa, mais feliz ela será. Quanto menos posses, mais infeliz. Assim, esse passa a ser o ideal dominante de felicidade que vai mobilizar o desejo e os sonhos da

maioria das pessoas. Ocorre que, em se tratando de uma sociedade com profundas desigualdades de classe e na qual o *ter mais* de alguns se viabiliza à custa do *ter menos* ou do *não ter* dos demais, esse ideal de felicidade se revela, na prática, inatingível para a grande maioria das pessoas (os pobres) e privilégio de poucos (dos ricos).

Por outro lado, numa sociedade organizada de maneira diferente, na qual as pessoas fossem mais valorizadas pelo que *são* do que pelo que *possuem*, certamente prevaleceria outro ideal de felicidade.

A construção de um novo modelo de sociedade, que proporcione condições mais igualitárias de acesso à felicidade, é, sem dúvida, responsabilidade de todos nós. Mas, enquanto isso não se viabiliza plenamente, talvez possamos nos empenhar em mudar desde já alguns valores, rejeitando a imposição do individualismo e do egoísmo e procurando construir relações mais ancoradas na amizade, na solidariedade e na cooperação, antecipando aqui e agora, na medida do possível, a utopia de uma sociedade feliz.

¹ DALLARI, Dalmo de Abreu. *O que é participação política*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 33.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Com base no texto apresentado, debata com seus colegas:

1. O que significa dizer que ninguém é capaz de satisfazer suas necessidades subjetivas e objetivas?
2. Em que sentido se pode afirmar que a felicidade tem um caráter social?
3. Em que se baseia a afirmação de que não tem lógica buscar a felicidade no individualismo e no egoísmo?
4. Na sociedade em que vivemos, é possível superar a influência do egoísmo e do individualismo? Como?



PESQUISA INDIVIDUAL

Pesquise a letra da música *Comida*, dos Titãs, e discuta com seus colegas, procurando relacioná-la com o que foi estudado até aqui sobre o tema felicidade. Anote suas conclusões em folha à parte. Essas anotações poderão auxiliar em um possível debate ou em outra atividade proposta pelo professor.

Reflexões sobre política

Responda:

1. O que você entende por política?

Ora, se a presença de certas condições necessárias à felicidade resulta de políticas governamentais, então podemos concluir que a felicidade ou a infelicidade da população depende, ao menos em parte, da ação dos governantes.

Ocorre que, numa democracia, os que governam nas diversas instâncias (municipal, estadual e federal) são eleitos pelo voto direto dos cidadãos. Isso significa que, em alguma medida, todos os que votam (ou deixam de votar) são corresponsáveis por essas políticas e, por conseguinte, também pela realização ou não realização da felicidade da população. Eis a dimensão política, em sentido mais estrito, da felicidade.

Daí a importância da participação política consciente, sobretudo em relação ao voto. Mais do que um direito, essa participação é também um dever de cada cidadão, pois dela derivam consequências que afetam a vida de toda a sociedade.

No entanto, muitas pessoas ainda se recusam a participar politicamente, dizendo que não gostam ou não entendem de política e que preferem cuidar da própria vida, dos assuntos particulares. Muitos se negam a discutir questões políticas, temerosos das possíveis consequências do confronto de ideias. Justificam sua indiferença com o famoso ditado: “Política, religião e futebol não se discutem”. Outros, ainda, alegam que política é coisa suja, que todo político é corrupto e que, por isso, preferem permanecer distantes para não se contaminarem.

Quem adota essa atitude está, na verdade, expressando uma consciência ingênua e alienada em relação à política. Isso porque, na prática, a abstenção política é impossível. Pelo simples fato de fazer parte de uma sociedade, sofremos as influências do contexto em que vivemos, como também exercemos influência sobre ele, mesmo sem perceber. Daí por que, como diz Dalmo de Abreu Dallari, não se podem separar radicalmente os interesses particulares dos interesses públicos. Posso, por exemplo, desistir de votar numa determinada eleição, por motivos particulares, mas essa minha atitude, somada às dos demais eleitores, não deixará de repercutir proporcionalmente no resultado eleitoral, assim como este não deixará de repercutir em minha vida privada. Além disso, abdicar da política é uma forma de apoiar as ações governamentais, o que também constitui uma atitude política que nada tem de neutralidade. Na verdade, o desinteresse do povo pela política só interessa a certos governantes, que o querem distante das decisões, para que possam favorecer os próprios interesses. Engana-se redondamente, portanto, quem acredita que pode permanecer alheio à política.

A rigor, a participação política não é necessariamente algo que se faça por prazer (embora isso seja perfeitamente possível), mas por necessidade, pois, querendo ou não, participamos de um jeito ou de outro. Aliás, é bastante provável que, para muitos, ela não seja mesmo prazerosa. Mas aqui talvez valha o ensinamento de Epicuro de que, às vezes, é preferível aceitar certos sofrimentos (como o fazer algo de que não se gosta), se este for o caminho para se obter um prazer maior (por exemplo, condições sociais mais favoráveis à felicidade de todos). Do contrário, nossa omissão pode resultar em grande infelicidade, inclusive para nós mesmos.

Há várias formas de participação política. Votar conscientemente é apenas uma delas. Na verdade, é o mínimo que se pode exigir de um cidadão numa democracia. E, para que o voto seja de fato consciente, é preciso que o eleitor esteja bem informado sobre as atribuições dos cargos em disputa, as características dos candidatos e partidos, os principais problemas que deverão ser enfrentados pelos eleitos e as possíveis soluções para eles. Além disso, o eleitor consciente deve agir com liberdade e responsabilidade social, não aceitando jamais vender ou trocar o seu voto nem oferecê-lo em retribuição a algum favor ou para agradar alguém.

Além do voto, há outras formas de participação política: a individual e a coletiva. Do ponto de vista individual, há uma enorme gama de ações que cada um pode praticar. Por exemplo: dialogar em casa, na escola, no trabalho, ou em qualquer outro lugar sobre os problemas da cidade, do Estado ou do país, buscando adquirir e também despertar nos outros uma consciência mais crítica sobre tais problemas; escrever em jornais, revistas e outros meios de comunicação, denunciando situações de injustiça; enviar e-mails para as autoridades cobrando providências e seus compromissos de campanha; manter-se informado sobre a realidade do país, pela leitura de jornais e revistas; defender e pôr em prática no dia a dia valores como a solidariedade, o respeito e a cordialidade, como forma de combater o individualismo e o egoísmo reinantes; entre outras.

Por outro lado, a participação coletiva do indivíduo ocorre por meio do envolvimento em partidos políticos, associações, organizações não governamentais, sindicatos, grêmios estudantis, movimentos, enfim, em qualquer agrupamento que tenha objetivos bem definidos. Vale lembrar que o grupo, sobretudo quando bem organizado, é sempre mais forte que o indivíduo.

Muitas coisas exteriores a nós, que influem em nossa felicidade ou infelicidade, dependem direta ou indiretamente de nós e da forma como participamos politicamente. Nesse sentido, podemos dizer que a felicidade tem também uma natureza política que não pode ser desconsiderada. É evidente que as diversas formas de participação são muito facilitadas num regime democrático. Daí também a importância da democracia para a construção da felicidade.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Responda em folha à parte:

1. Em que sentido pode-se dizer que o desejo de abstenção política reflete uma consciência ingênua e alienada? Você concorda? Por quê?
2. O que significa a afirmação de que a felicidade tem uma dimensão política? Você concorda? Justifique.

3. Você concorda que a participação política é um importante instrumento para a construção de uma sociedade justa e feliz? Por quê?
4. Olhando para sua realidade (cidade, bairro, escola, trabalho etc.), que tipo de participação política você está disposto a ter para ajudar na construção de algumas condições básicas para a felicidade de sua comunidade?



VOCÊ APRENDEU?



1. Elabore uma reflexão que contemple as dimensões pessoais, sociais e políticas da felicidade.
2. Também em folha à parte, comente: Se não vivemos em uma ilha da fantasia, na qual a felicidade é entendida como processo de permanente satisfação de nossos desejos e de nossas necessidades, como podemos pensar a felicidade em nossa realidade social atual?



PARA SABER MAIS

Livros

- DALLARI, Dalmo de Abreu. *O que é participação política*. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Primeiros Passos). Com esta leitura, você poderá aprofundar seus conhecimentos sobre a importância e as modalidades de participação política.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000. Este livro traz informações importantes sobre a possibilidade de sermos felizes respeitando o planeta Terra.
- GIANNETTI, Eduardo. *Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Com este livro você poderá analisar as questões que cercam o tema felicidade, por meio de diálogos que também auxiliam na compreensão das características da argumentação filosófica.